



Victor Hannover
Radialista

Da intensidade à calmaria: A sensibilidade da forte-doce alma em triunfos e ruínas

Victor Hannover Gouveia Barros é poesia em cores litigantes. Diante de nós, está um homem-menino, menino-homem. O modo de vestir logo confessa a alma imergida em momentos opostos da história de vida. Por fora, a camisa social preta está aberta, semelhante à pulsante liberdade presente no deveras jovem coração. Por dentro, a camisa branca sobressai, portando palavras que antecipam o desejo sério, adulto, imediato e eterno: PAZ. O sapato preto formal se mistura com o anel jovial no polegar da mão. As tatuagens de estrelas e desejos trazem a energia púbere encravada na pele e no sangue. Quem vê a aparência não percebe a idade que há nos anos gozados de intensidade.

Victor é um poema de compromisso e imprudência, lutando um com a outra. Desde cedo, o menino-homem foi atraído pelo prazer, o deleite de desfrutar os gostos deliciosos, todos eles, que a vida lhe propunha. E se ia com sede beber dos encantamentos da mocidade, por vezes se esquecia da responsabilidade de ser adulto. Sendo moço, foi ser maior, assumiu compromissos. Buscou seriedade e com ela trabalhou. Honrou a normalidade, mas decidiram desfazê-la. Pediram-lhe graça. Victor sujeitou-se para estar no alto. No topo empolgante do sucesso, foi fitado por muitos. Destacou e foi destacado.

Victor é um verso de amor e dor, sentimentos nele fortemente entrelaçados. A ele surgiram convites oportunos, convenientes para operar certo destino, ao qual ele deu as mãos sem hesitar. Hesitar para quê? O destino era dele e ele era do destino. Afoito, Victor vivenciou os sonhos mais bonitos de quem faz o que gosta. Mas as mãos que velozes seguram flores se esquecem dos espinhos. Com oportunidades em forma de pétalas, vieram também reivindicações pontudas. A ele foram exigidas responsabilidades que a juventude vivaz preferiu prorrogar. A ele foram ordenados gestos que não eram dele, mas aceitou vivenciar.

Victor é uma estrofe de guerra e paz. O homem-menino escolheu veredas sobremodo visíveis nos versos que optou viver e sentir. Em evidência, Victor Hannover foi aplaudido, incentivado e parabenizado. E, se a vida no topo fazia rir, também fazia chorar. Foi criticado, desaprovado e debochado. O lirismo de coração

foi machucado, em meio à sensibilidade sempre tão dele. Victor afetou-se porque não tinha como não afetar-se; deixaria de ser ele. A guerra não almejou, mas vieram os combates. Deles, guarda momentos turbulentos. Lembranças doídas que bastam um só instante, de novo brotam claras na mente que insiste em não esquecer.

Victor é fuga da realidade e a busca por ela. Se a vida a ele doía e a ele pressionava, as asas da mocidade logo se abriam voando sedutoras. Nos prazeres intensos, encontrou refúgio aparente. No profundo do fato: um vazio profundo. Victor se despiu dos sonhos, pois lhe pareceram dolorosos demais. Do lar, fez um esconderijo. No profundo desse poço, foi puxado com força por almas afáveis. A ele foi dito que era possível o impossível. Que podia acender luzes, mesmo estando na mais profunda escuridão. A palavras de amor, Victor apegou-se, como outrora se juntara às de dor.

Victor Hannover é nascer de novo também. É fazer o que não foi feito. É desfazer o que lhe foi imposto. É diminuir a velocidade desenfreada de um fôlego só. Não nos foi escondido, antes corajosamente revelado: Victor Hannover quer paz, calmaria e doçura. Ele não quer mais ser levado, quer levar. Não quer ser controlado, quer poder controlar. Hoje, o desejo é caminhar a passos lentos, firmados no chão, seguros. Quer poder realizar o que o próprio encanto não o permitiu. Quer sentir devagarzinho as luzes se acendendo, coloridas, rimadas, concatenadas, alegres e tranquilas. Victor quer vida.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Alan Barros
Juscelino Filho
Gabriela Alencar
Ingrid Braquehais

Texto de abertura:

Ingrid Braquehais

Participação:

Alan Kléber
Aline Conde
Fernando Wisse
Gabriela Alencar
Ingrid Braquehais
Jéssica Colaço
Jéssica Welma
Juscelino Filho
Vandecy Dourado
Yohanna Pinheiro

Fotografia:

Pedro Cândido



Entrevista com Victor Hannover Gouveia Barros, 27 de junho de 2012.

Gabriela – Desde criança, você tem um contato muito forte com o Jornalismo, por causa da influência do seu pai (*o jornalista Tom Barros*). Eu quero saber como é que esse contato com o Jornalismo, desde a infância, afetou na sua decisão de seguir pela carreira do Jornalismo.

Victor – O que aconteceu foi o seguinte: eu sempre acompanhei o meu pai nos jogos de futebol. Foi assim desde pequeno, mesmo. Toda aquela época, de 10 anos, 11 anos, eu ia a todos (*os jogos*). Eu viajei com meu pai para ver a seleção brasileira. Ele foi fazer narrações lá em Salvador (*Bahia*) nos jogos. O Brasil fez dois jogos lá e eu acompanhei. Então, isso foi surgindo naturalmente. Mas, na verdade, eu não escolhi a profissão e ainda estou estudando para fazer o curso (*de Jornalismo*), que é o meu principal objetivo hoje. Estudo aqui nesse colégio, o Centro Educacional de Ensino de Jovens e Adultos Neudson Braga, vizinho a vocês (*refere-se à UFC*). Para mim, vai ser como que selar um dom que Deus me deu. Eu não escolhi ser radialista, ser jornalista, nem costume usar esse termo (*jornalista*) por ainda não ter o diploma. Eu ainda me considero mais radialista mesmo, pela questão burocrática, vamos dizer assim. Prefiro me considerar radialista, por enquanto, porque eu tenho projeto de um dia estar onde vocês estão, entrevistando alguém.

O meu pai saía dos jogos mais cedo porque ele era colunista do jornal, como é até hoje. Na época, era outro jornal, se eu não me engano era o Correio do Ceará (*Jornal fundado em 1915 e já extinto*). Não era como hoje que você tem um computador, o jogo está acontecendo, você já está escrevendo. Tinha de voltar para redação, escrever na máquina escutando o "fimzinho" do jogo no rádio, o professor (*refere-se a Ronaldo Saldado*) sabe muito bem como é que é isso. E o Sérgio Pinheiro, que é comentarista da TV Diário até hoje, me dava carona para casa. Eu ia com meu pai, ele saía mais cedo, mas eu só queria sair quando terminassem todos os comentários, porque eu gostava de acompanhar o jogo e, depois, eu gostava de

acompanhar os comentaristas falando sobre o jogo. Quando a gente saía do estádio, não havia (*mais*) praticamente ninguém. A única coisa que eu achava ruim é que o Sérgio, nessa época, andava de moto e eu detestava voltar para casa de moto, mas não tinha outro jeito. Eu conversava muito com o Sérgio por causa disso. E com o meu pai eu nunca conversei na minha vida sobre trabalhar um dia em televisão ou em rádio, nunca. O que acontecia é o seguinte: ele (*pai*) me deu um rádio, na época, que se chamava Transglobo, que pegava rádios do mundo inteiro. Esse rádio pegava tudo. Pegava as transmissões do Rio (*de Janeiro*), de São Paulo, de jogos de Portugal. Eu passei a acompanhar todos os grandes narradores de futebol do Brasil. Escutava Jorge Curi, Valdir Amaral, José Carlos Araújo, Deni Menezes, que são nomes muito famosos naquela época. Principalmente no interior do Brasil porque a Rádio Globo e a Rádio Nacional tinham uma penetração muito grande no interior. A televisão não mostrava jogos com tanta frequência, quer dizer... A comunicação mudou completamente da minha época de menino.

Em uma dessas idas para casa, voltando do estádio, o Sérgio Pinheiro notou – eu tinha 16 anos – que tudo que me perguntava sobre futebol, eu respondia e conhecia tudo sobre o esporte. E ele, mesmo sem consultar o meu pai, pediu para que eu fosse na rádio no dia seguinte (*refere-se à Rádio Verdes Mares*), porque queria que eu fizesse uma participação em um programa. Quando eu cheguei, o Sérgio Pinheiro me disse: "Olha, eu não falei com seu pai ainda, mas eu falei com o Gomes Farias, que é o dono da equipe esportiva, e a gente quer que você estreie hoje. Vai abrir um curso de radialista no dia tal, a gente já conversou com o Sindicato dos Radialistas. Daqui para lá, eles lhe dão uma licença, em um mês, dois meses, e você já vai começar a trabalhar". Quer dizer, o meu pai, na verdade, quando foi saber que eu estava trabalhando, foram uns dois, três meses depois. Disseram: "Rapaz, todo dia teu filho tá aí, o que ele tá fazendo?".

Primeiro, me colocaram para cobrir a Fe-

A entrevista com Victor seria a primeira a ser realizada, mas não aconteceu por problemas de saúde de Hannover. Achávamos que não teríamos mais tempo hábil para remarcar uma nova data, mas conseguimos no final de junho.

Victor Hannover recebeu sete votos a favor do nome dele no processo de escolha dos entrevistados da edição de 20 anos da Revista Entrevista. Ele e Luma Andrade foram os nomes que tiveram mais aceitação entre os entrevistados.

Juscelino fez o primeiro contato por telefone com Victor para explicar o projeto da Revista Entrevista. Para nossa surpresa, Hannover já conhecia bastante a concepção do produto, feito por estudantes de jornalismo da UFC.



deração (*Cearense*) de Futebol. Como era perto da minha casa, eu passava pertinho da Federação e pegava umas notícias, mas muito menino ainda, né? E eu fui fazer esse curso de radialista, que é uma parceria do Sindicato dos Radialistas com o Senac (*Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial*), que é um curso técnico. Na época, existia a questão, que ainda existe até hoje, dos problemas de jornalista e radialista. Eu nem sabia que existia isso. Meu negócio era brincar, era curtir, era ir para o futebol, era aproveitar minha vida.

Alan – Na pré-entrevista com o Tom Barros, ele falou que você costumava brincar com esse fazer jornalístico ainda quando criança. Ele citou um exemplo de que você, quando criança, ia às cabines de futebol e brincava de ser narrador. Como era isso?

Victor – O que aconteceu foi o seguinte: houve um jogo de futebol aqui no Estádio Presidente Vargas. Esse jogo ia ser transmitido ao vivo, mesmo naquela época. Eu tinha uns seis anos, sete anos, mais ou menos, e estava havendo um jogo preliminar. Quando o jogo começou, a estrutura já estava toda montada para o jogo principal, que ia ser transmitido. Eu cheguei na cabine, estava só o cinegrafista trabalhando. Eu olhei para ele e disse: “Olha, eu vou narrar esse jogo aqui!”. Eu narrei uns 40 minutos, o primeiro tempo quase todo. A única diferença (*era que*) como eu não sabia o nome dos jogadores, eu trocava o nome deles pelos de alguns animais, (*via*) alguma semelhança. (*Risos*) Eu não conhecia quem eram os jogadores, mas mudava o nome. O meu pai, até hoje, é um pouco chateado, porque isso aconteceu na TV Ceará, essa fita sumiu e ele queria muito essa fita. Além de ter sido minha primeira narração, eu era muito novo. E depois, quando o pessoal chegou lá na TV, aquilo chamou atenção pela minha forma de falar, com a idade que eu tinha, de conseguir narrar, de gritar o gol. Foi o primeiro tempo inteiro narrando mesmo, sem parar. Foi uma coisa interessante! Mas foi uma coisa de criança, uma brincadeira, sabe? Em nenhum momen-

to, isso surgiu porque eu queria ser repórter, porque eu queria ser narrador. Eu nunca pensei nisso. Foi uma coisa que foi acontecendo. Uma coisa que eu acho que foi um dom mesmo que nos acompanha. Porque eu pensava em fazer outras coisas na vida. Quando surgiu esse convite do Sérgio Pinheiro... Depois quando meu pai soube que o Gomes Farias tinha dado o “ok”, ele (*o pai*) até falou comigo perguntando: “Olha, rapaz, vai haver muita comparação comigo. Será que esse é o caminho que você quer seguir?” Mas, não era mais caminho, era uma oportunidade de emprego que eles estavam me arranjando. Pô, de repente, surgiu uma oportunidade de ganhar uma grana e começar uma profissão tão cedo. Eu não pude dizer não. Eu não planejei. Agora, eu sempre escutei as rádios.

Tinha um programa da Rádio Globo que se chamava Adelson Alves, o amigo da madrugada, ele era esposo da Clara Nunes, que é aquela cantora que faleceu e fez muito sucesso. Ele tinha um programa de madrugada. Eu não dormia. Passava a noite inteira escutando, exatamente para escutar como é que era a comunicação, porque ele era considerado um dos maiores comunicadores do Brasil. Acompanhei muito isso, esse pessoal do Sudeste. Foi bom você lembrar essa história que o meu pai te contou (*Refere-se ao Alan*). Eu também lamento não ter essa fita, gostaria de escutar, porque todo mundo que escutou achou interessante. De repente, com seis, sete anos narrar futebol e até gritar gols foi um momento muito bacana, sabe? E infelizmente se perdeu, porque a TV Ceará se acabou. (*A TV Ceará era ligada à Rede de Emissoras e Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Hoje é o nome da antiga TV Educativa*)

Jéssica Welma – Victor, em relação à escolha do seu nome profissional, você escolheu utilizar o Victor Hannover. Por que você não escolheu Barros? Você teve receio da influência do nome do seu pai?

Victor – Na minha família me chamam de Hannover desde pequeno. O próprio Sérgio (*Pinheiro*), os amigos, todos me chamam de

Muito feliz por ter tido o nome lembrado, Victor postou no blog dele que seria um dos entrevistados da Revista Entrevista. O pai dele, Tom Barros, já participou do projeto nas primeiras edições.

Hannover. Victor é mais a questão dos amigos do trabalho, mas, na minha família, eu sempre fui chamado de Hannover. Quando eu fui lá na rádio (*refere-se à Rádio Verdes Mares*), que o Sérgio Pinheiro me apresentou, ele já me apresentou como Victor Hannover. Não foi uma escolha. Eu não escolhi e talvez nem ele, foi uma coisa natural. Eu acho que – para efeito de trabalho e de comunicação – ficou bacana. Mas eu usaria Victor Barros também, sem problemas, até porque eu gosto mais do nome Victor do que Hannover. Eu acho que não tenho nada a ver com Hannover, eu não sou alemão. O meu nome ia ser Francisco Victor de Barros Neto, porque era o nome do meu avô, Francisco Victor de Barros, mas quando o meu pai veio me registrar, ele não queria colocar o nome... Ele queria colocar Victor, mas não queria colocar Francisco. Ele procurou no mapa uma cidade... Ele gostava da Alemanha, ele já tinha ido lá algumas vezes e resolveu colocar esse nome (*Hannover*). E, imaginando, disse o seguinte: “Eu acho que esse nome é muito bacana para piloto de fórmula 1”. Tinha o Jack Stewart da época, tinha o, (*deixa eu*) ver se eu lembro outros pilotos... Jochen Rindt, uma turma com o nome diferente. “O Victor Hannover, de repente, esse menino vai ser piloto de Fórmula 1”. Eu acho que o negócio foi ao contrário, porque eu só vim aprender a dirigir agora com 35 anos de idade. (*Risos*)

Fernando – Você falou que com 16,17 anos começou a trabalhar como radialista. Como é que você conciliava escola e trabalho?

Victor Hannover – É o seguinte: nessa época eu estava cursando o 2º grau (*Ensino Médio*). Quando eu fui fazer o curso no Sindicato dos Radialistas, eles pediram o certificado do 1º grau (*Ensino Fundamental*) e pediram um comprovante de que eu estava cursando o 2º grau. Nessa época, eu estudava no Farias Brito (*colégio particular de Fortaleza*). Eu fiz a minha inscrição, continuei estudando lá no Farias Brito e depois fui para o Lourenço Filho (*colégio particular de Fortaleza*) e segui trabalhando e estudando ao mesmo tempo. Já com 18 anos – quando eu estava no início do 3º ano do 2º grau – comecei a viajar. Fui mandado para o Rio de Janeiro, fui para Rádio Tamoio (*do sistema Verdes Mares de Comunicação*), passei um período lá. Eu achava que ali a minha vida estava resolvida. “Bom, eu sou radialista”. Passei a me dedicar ao trabalho e a viajar muito. Comecei a narrar jogo de futebol, a conviver com pessoas do primeiro nível do jornalismo e do radialismo nacional, pessoas que me ensinaram muito. E, por sorte, eu fui recebido muito bem por essas pessoas, talvez pela

minha idade. O maior erro da minha vida foi não conseguir conciliar isso (*o trabalho*) com os estudos. Eu acho, aos 40 anos, que foi um erro que me atrapalha até hoje. Mas o que houve, na verdade, àquela época, foi uma empolgação. Eu até conversando outro dia que eu estive aqui (*no curso*), eu falei: “Olha, chegou um momento da minha vida que eu me empolguei, achei que ia passar a vida cobrindo Copa do Mundo, que ia passar a vida todinha cobrindo seleção brasileira, que estava tudo certo e eu estava ali convivendo com essas pessoas (*jornalistas e radialistas*). Quando eu voltei para cá (*Fortaleza*), eu simplesmente achei que estava tudo certo: ‘Não, aqui eu vou só trabalhar e acabou’”. Eu tive um conflito muito grande com meu pai durante muito tempo, porque ele não aceitou isso (*não estudar*) de forma nenhuma. “Olha, o negócio é o seguinte: você tem que arranjar tempo para estudar também, não é ficar só esse negócio de rádio e tal”. E a cada dia que ele ia falando isso, as oportunidades iam surgindo. Isso foi quando eu fui para tevê em 91 (*1991*).

Aline – Victor, você falou que seu pai achou ruim quando você abandonou o colégio. O pessoal que trabalhava com você e os seus chefes, o que eles diziam?

Victor – Eles não diziam nada. Simplesmente a preocupação deles era me mandar para viajar para fazer a transmissão do jogo todo dia. Hoje, a Globo ainda manda alguns narradores, por exemplo, quando a seleção brasileira vai jogar na Europa. O Sportv (*canal de TV a cabo da Globo*) ... Noventa por cento não, eu não digo 90... Sessenta por cento das transmissões, o Sportv faz dos estádios, mas, hoje em dia, eles funcionam muito com o off-club, que é olhando pela televisão. Hoje, eles já não viajam tanto. Eu não parava em Fortaleza. Fazia cobertura de campeonato no Nordeste. Eu nunca dei-

“A Copa do Mundo foi quando eu passei realmente a (...) observar que não existem aqueles fantasmas que a gente cria, aqueles ídolos, aquelas pessoas.”

“Fui escolhido e aceitei com maior prazer. Tradicional, a revista já entrevistou grandes personalidades e desta vez resolveu escutar a voz de um operário”, disse Victor na postagem feita para o blog..

Antes da entrevista principal, foram realizadas duas conversas iniciais com o Victor na Escola Neudson Braga, onde ele estuda. Hannover quer concluir o ensino médio neste ano.

A equipe de produção foi à redação do jornal Diário do Nordeste entrevistar o jornalista Tom Barros. Muito atencioso, ele contou como foi todo o processo de recuperação de Victor na luta contra as drogas.

xei os estudos de vez, eu não conseguia era terminar, você tá entendendo? Eu entrei no curso J. Oliveira (*supletivo de Fortaleza*). Quando eu estava terminando (*os estudos*), me mandavam para o Rio de Janeiro. Eu passava 40 dias lá, cobria tudo que era jogo. Quando voltava, estava tudo atrasado. Quando eu estava me organizando, tinha de viajar de novo. E juntando tudo isso (*tinha*) a minha irresponsabilidade.

Ingrid – Você falou que o seu contato com a comunicação se deu de forma natural, mas quando foi que você percebeu realmente que esse era o caminho que você queria seguir para sua vida?

Victor Hannover – Eu percebi mesmo quando eu comecei com o Sérgio Pinheiro. Eu fui tomando gosto por isso. Eu digo com toda sinceridade: eu não parei para pensar: “Olha, eu vou fazer vestibular para Direito, por exemplo. Meu pai é advogado”. Eu nunca pensei nisso assim, sempre pensei na questão da reportagem, da apresentação dos programas, na questão do rádio, sempre foi isso. Com 16 anos, eu gostava muito era de farra. Então, essa questão profissional foi uma coisa que foi surgindo quando eu comecei a fazer mesmo.

Jéssica Colaço – Victor, como foi a transição do seu trabalho no rádio para a TV?

Victor – Surgiu um programa na TV Verdes Mares, eles estavam querendo um apresentador e me chamaram para fazer o teste. O diretor era o Marcos Nunes, o chefe de jornalismo. Ele me chamou para fazer o teste e eu fiz em um domingo. No domingo seguinte, o programa já foi ao ar. Chamava (*se*) Placar Eletrônico. Ele ia ao ar depois do Fantástico, era um programa local, (*de*) mais ou menos uns cinco minutos. Eu fazia uma abertura chamando o que seria um compacto dos jogos de futebol daquele dia. No final do compacto, a gente mostrava os gols. Foi quando surgiu minha primeira oportunidade. Eu continuei trabalhando na televisão.

Cheguei no Globo Esporte porque o apresentador resolveu ser cantor. Foi o Toni Duarte (*radialista*) que formava uma dupla com o (*radialista*) Tony Nunes... Não, desculpa! Ele formava uma dupla com o Ênio Carlos,



A pré-entrevista com Tom Barros estava marcada para as 8 horas da manhã na TV Verdes Mares. Juscelino, com receio de chegar atrasado, chegou ao local às sete horas.

que era apresentador. Ele (*Toni Duarte*) era apresentador do Globo Esporte e resolveu criar a dupla Toni & Ênio. Eu acho que eles pensavam que iam ser o Zezé di Camargo e Luciano. (*risos*) Ele (*Toni Duarte*) saiu do programa Globo Esporte, que era a parte local e depois a parte nacional. Hoje é toda a parte local, eles estão recebendo o material pela Embratel (*Empresa Brasileira de Telecomunicações*) e fazendo o programa aqui (em Fortaleza). E eles estavam com uma proposta, na época, de apresentar alguém mais jovem, porque tinha o pessoal que já vinha de uma outra geração – que era o Gomes Farias, que já estava lá há bastante tempo, o meu pai, que chegou a apresentar o programa, o Sérgio Pinheiro. Mas eles (*o Globo Esporte*) queriam uma cara nova para o programa. Já que o apresentador resolveu ser cantor, né? Eu não entendo como é que um apresentador vai ser cantor... Mas o problema é dele, não é meu. (*Risos*) O que aconteceu? Eu entrei no Globo Esporte. Passei 20 anos lá, mais ou menos isso aí. Com oito anos na Rede Globo, fazendo matéria todo dia.

Eu acho interessante contar a minha chegada na Globo como é que foi, porque foi por acaso também. O repórter da TV Verdes Mares que fazia matérias para a Globo era o Paulo César Norões, que hoje é comentarista e na época era repórter. Eu apresentava e fazia matérias locais, e o Paulo César Norões, muitas vezes, me acompanhava. Eu fazia a matéria local que ia pro ar em Fortaleza e ele fazia a mesma matéria que era da Globo, porque ele era o repórter da Globo aqui.

Em um fim de semana, ia ter um campeonato de vôlei de praia que a Globo estava patrocinando. Quando ia ter transmissão do jogo de sábado, era sempre mandado um repórter para – tudo na vida tem de ter um pouquinho de sorte – dar apoio ao Paulo César. Um (*repórter*) fazia o comportamento da torcida e o outro fazia matéria contando a história do jogo. Dessa vez, não sei por que, a Globo não mandou repórter e disse: “Ó, Paulo César, você fecha tanto a matéria da torcida como (*a matéria*) contando a história do jogo”. Então, o Paulo César me liga e diz: “Rapaz, eu tô completamente gripado, resfriado, com uma febre, já avisei para Globo inclusive. E como você é o cara que me acompanha, a gente queria que você fosse lá. Liga para o produtor ‘Fulano de tal dos Anzóis’, que ele quer conversar com você, e faz essa matéria porque eu realmente não estou em condições físicas de trabalhar”. E eu fui fazer. Fiz a matéria e mandei. A matéria já entrou no (*Globo Esporte*) nacional na primeira vez. Depois eu comecei a fazer algumas (*matérias*), quando o Paulo César não

podia fazer. Quando eu assumi mesmo – e foi quando eu passei oito anos como repórter da Globo aqui – foi quando houve uma mudança na chefia da TV Verdes Mares. O diretor foi demitido na época. A Globo mandou um diretor de lá para cá, que era o Roberto Prado, para ser o diretor de jornalismo. E o Paulo César Norões foi ser o chefe de redação. Ele não conseguia acumular os dois cargos e eu fiquei na Globo.

Foi o período, para mim, de maior mudança, porque eu fazia as matérias de uma forma séria, de uma forma normal, natural. E, naquela época, o futebol cearense estava tendo um certo destaque. O Fortaleza (*esporte clube*) estava subindo para a primeira divisão. E a Globo tinha um trabalho muito focado na primeira divisão, como tem até hoje. Os times de Pernambuco é que eram da primeira divisão de futebol. Eles tinham um pessoal lá de Pernambuco, inclusive aquele Fernando Rocha, que hoje é apresentador do Bem-Estar (*programa da Globo*). Ele morava lá em Recife e (*havia*) muita matéria no mercado (*São José, no centro de Recife*), misturando futebol com isso. Quando o Fortaleza subiu para a primeira divisão, os times de Pernambuco caíram para segunda divisão. Então, todo o foco da Globo virou para cá para o Estado do Ceará, que foi a época em que eu comecei a trabalhar. Eles queriam que eu tivesse o mesmo estilo do Fernando Rocha, e eu não tinha. E nem tinha o objetivo! Ele era brincalhão. A produção do Globo Esporte me ligava e (*dizia*): “Olha, você pega o jogador, no meu caso, o Clodoaldo (*jogador de futebol do Fortaleza à época*), você leva o cara para o mercado, para o Beco da Poeira (*tradicional comércio popular de Fortaleza*), para a Praça do Ferreira (*principal praça de Fortaleza*) e faz uma festa lá com o cara”. Eu comecei a fazer... Muito no estilo do Fernando Rocha, porque eles queriam dar continuidade (ao estilo), só mudava o Estado.

Se o Fortaleza não tivesse subido para a primeira divisão, eles teriam seguido com o Fernando Rocha e eu teria seguido com meu estilo de trabalho, que é um trabalho mais sério. De uma hora para outra, fugiu completamente do que eu pensava, porque eu comecei a fazer uma coisa que muita gente tachava até como palhaçada. Muita gente criticava, inclusive mandava ligar muito para a Rede Globo, porque a gente mostrava muito o Beco da Poeira. Mas pelo que eles queriam, que era realmente mostrar o povo cearense, a alegria, o povo gritando o gol. Eu só encontrava isso lá! Então eu não ia lá porque eu adorava o Beco da Poeira – e nem tenho preconceito com lugar nenhum –, mas eles queriam isso e eu tive de seguir.



Gabriela – E o que você destacaria como o melhor momento da sua carreira?

Victor – Olha, o melhor momento da minha carreira foi o seguinte... E isso fez com que eu hoje me transformasse em um torcedor do Ceará e do Fortaleza. Porque eu era torcedor do Ceará. A torcida do Ceará vai me perdoar, mas hoje meu coração é dividido. Porque o momento da minha carreira onde eu me destaquei mais foi quando o Fortaleza subiu para a primeira divisão. Foi o Fortaleza que abriu as portas do Brasil para mim. Eu fazia matérias todos os dias. Hoje o Globo Esporte é transmitido todo aqui, mas na época tinha a parte nacional. Então isso (*ter as matérias no Globo Esporte nacional*) é um motivo de orgulho profissional para mim. Na época, pelo menos duas ou três vezes por semana, o Globo Esporte encerrava com matérias de três, quatro minutos, minhas matérias com o Clodoaldo. Eles gostaram da gente.

(*Um dia*) o Paulo César Norões ligou lá para Globo e o Fortaleza estava disputando o campeonato cearense no ano em que ia disputar o campeonato brasileiro. Ele foi e disse: “Olha, tem um jogador aqui do Fortaleza, o Clodoaldo, que tá fazendo gol de todo jeito, e a torcida tem uma música que canta para ele. ‘Clodoaldo é bom de bola, o baixinho é o cão. Uh, terror, Clodoaldo é matador’”. O cara da TV (*Globo*) disse: “Pois então, manda para gente essa matéria”. Eu fiz essa matéria todinha, mostrando o Clodoaldo, o sucesso lá, fazendo os gols. E a matéria encerrava com uma criancinha, de seis, sete anos, e o menino cantou a música do Clodoaldo do começo ao fim. E eu mandei a matéria para Globo. Comum para o meu dia-a-dia, né? Nunca um repórter do Estado do Ceará tinha encerrado esses programas de esporte na Globo. Geralmente, entrava uma matéria de um minuto e meio, um minuto. Quando a matéria chegou lá, eu sentei na frente da televisão e fiquei para esperar a matéria. Entrou o primeiro bloco do programa e nada. No segundo bloco, eu olhei para o relógio: “Faltam cinco minutos para o programa terminar”. A matéria tinha, sei lá, uns dois minutos. “Porra, tiraram a matéria do Clodoaldo, uma ma-

Diferentemente das outras produções, esta foi feita por quatro pessoas. Com o cancelamento da entrevista de Victor, Alan e Juscelino produziram a de Dom Giovanni, enquanto Gabriela e Ingrid produziram a de Sérgio Machado.

Devido a problemas de agenda, Sérgio Machado teve de cancelar conosco. Era quase julho, poderíamos ficar de férias ou fazer mais uma entrevista. Optamos por entrevistar Victor Hannover.

Antes de marcar a nova data para a realização da entrevista com Victor, ligamos para o pai dele para saber se a saúde de Hannover estava bem. Tom, entusiasmado, respondeu que ele estava numa ótima fase e nos incentivou.



téria tão legal, o menino cantando". Entrou aquela Milena Ceribelli, que hoje está na Record, mas naquela época era apresentadora da Globo e disse: "E agora uma surpresa de Fortaleza. Tem um craque surgindo na cidade e que já vem musicado. Já vem com musiquinha". Ainda disse meu nome: "Victor Hannover". Quando entra a matéria, entrou completa. Eles pegaram o menino cantando lá mesmo, repetiram umas 10 vezes e colocaram os gols do Clodoaldo inseridos. No dia seguinte, o produtor ligou e disse: "Olha, o editor do programa tá aqui pedindo que vocês arranjem uma banda de rock para cantar a música do Clodoaldo". A gente foi com aquela "Diamante Cor-de-rosa", que cantava até uma música do Roberto Carlos. Quando foi daqui a pouco, eles ligaram e disseram: "Olha, a gente quer conhecer os caras que foram os autores da musiquinha do Clodoaldo". A gente foi atrás dos caras. Nessa história de Clodoaldo para lá e Clodoaldo para cá, no final, o que aconteceu foi que no Rio de Janeiro, no Maracanã (*estádio do Rio de Janeiro*)... A torcida do Fluminense já adaptou a música e cantava nos estádios. Eu acho que a Globo gostou daquilo, principalmente da música e eu peguei o metrô, né? (*rindo*)

Jéssica Colaço – Victor, quando você viu essa matéria encerrar o Globo Esporte, qual foi a sensação?

Victor – Profissionalmente, para mim, eu não acreditava. Porque quer queira, quer não, a Rede Globo é uma das maiores TVs do mundo. Eu, como disse a vocês, escutei muito rádio. Aquilo ali para mim foi como: "Pronto, se a partir de agora nada mais acontecer com relação à Globo, eu ficar narrando meus jogos aqui, acho que eu cumpri a minha missão". Em primeiro lugar, por ter sido o primeiro a colocar o nome lá. Para mim, já é importante isso, porque é tipo abrir as portas para outros profissionais. Hoje, a coisa mudou, mas, na minha época, passei uns três dias achando que não era verdade. Talvez, com a idade que eu tenho, eu tivesse um pouco mais de tranquilidade, mas na época não. Porque aquilo foi em 2002 eu acho, 2003. De qualquer maneira, são 10 anos, eu amadureci nesse período. E o que mais

marcou foi uma coisa inesperada para mim, completamente inesperada. Eu pensei que a minha matéria ia cair, não ia entrar. E a matéria encerrou (*o Globo Esporte Nacional*) e a partir daí eu fiz várias e várias matérias.

De repente, eu tinha de ir para o estádio escondido. Eu ia para o Estádio Castelão (*maior estádio de Fortaleza*). O carro não tinha vidro fumê, então eu ia na frente com o motorista e o cinegrafista tinha de ir escondido, porque a torcida do Ceará queria me pegar. Eu só falava do Fortaleza. A Globo pediu para gente arranjar um ídolo para o Ceará. (*risos*) Eu digo: "O ídolo a gente pode até arranjar, agora a música vai ser complicado". (*risos*)

Alan – Victor, como é que você encarou a responsabilidade de ser porta-voz do futebol cearense para o âmbito nacional?

Victor – A matéria que eu fazia para o jornal local era exatamente a matéria que eu fazia no mesmo formato para o nacional. Eu sabia que tinha uma grande responsabilidade, mas eu não achei que isso fosse grande coisa, tá entendendo? Não me empolguei muito. Eu encarava aquilo como um trabalho normal, como uma coisa natural, como uma coisa do dia a dia. Eu não sentia muita responsabilidade.

Rapaz, se não fosse as minhas irresponsabilidades, a palavra é essa mesmo... Todas as pessoas que foram para a Rede Globo na minha época estão lá até hoje. Todas! Só quem não está lá, no Rio (*de Janeiro*), em São Paulo ou em Minas (*Gerais*), sou eu. Abriam todas as portas para mim, mas eu só queria saber de festa. E quando o trem passa e a gente perde... E não considero isso frustrante. Eu acho que minha missão foi cumprida, porque eu não sou nem o Roberto Marinho, dono (*da Rede Globo*), né? Passei oito anos fazendo matérias para eles. Tá bom! Por que eu teria de passar a vida toda? Não, minha missão foi cumprida.

Orgulho-me de ter sido o primeiro narrador cearense a narrar para o Sportv. Hoje, os narradores são cearenses, mas, na minha época, o Sportv mandava os caras de lá para narrar o futebol daqui. Eu comecei a narrar futebol... Mandaram uma fita para lá, eles ouviram eu narrando uns dois, três jogos do campeonato cearense e disseram: "Olha, nós não vamos mais mandar narrador. Você vai narrar". E eu comecei a fazer a narração para São Paulo. Hoje, todo narrador do Sportv é cearense, na minha época não. Eles tiveram de aguentar o meu sotaque. Tiveram de aguentar a minha briga com a fonoadióloga que queria que eu falasse igual a eles. Eu disse que ia falar do mesmo jeito, porque eu nasci aqui, como é que eu posso querer

No dia marcado para a entrevista, Victor ligou para Gabriela algumas horas antes. Frio na barriga de que a ligação fosse para cancelar o encontro, mas Victor havia apenas ligado por engano. Ufa!

mudar meu jeito de falar? Eles mandaram uma fonoaudióloga e eu disse logo: "Olha, o que eu posso tentar fazer é pegar o meu sotaque de nordestino e, com o trabalho da fonoaudióloga, virar um pouco mais suave. Mas jamais eu vou querer falar como alguém que nasceu no Rio de Janeiro. Eles nasceram lá e eu nasci aqui".

Ingrid – Victor, indo para outro momento da sua carreira. Qual foi a importância da época em que você cobriu a Copa do Mundo de 1998?

Victor – A Copa do Mundo foi quando eu passei realmente a ter contato com o futebol brasileiro e até mundial, de observar que não existem aqueles fantasmas que a gente cria, aqueles ídolos, aquelas pessoas... Não, nós todos somos iguais. A gente tem a mesma capacidade, é só a gente ter um pouco de dedicação, procurar se esforçar. Eu acho que a Copa do Mundo foi importante porque eu passei 40 dias convivendo com os principais jornalistas do Brasil. A gente trabalhava no mesmo centro de imprensa. Eu comecei a observar que não tinha muita diferença do que a gente faz aqui (*em Fortaleza*). Eles tinham na época muito mais estrutura. Hoje, com a Internet, eles continuam tendo mais estrutura, mas não tanto assim.

Todos os jogos da seleção a gente acompanhou, então eu acho que foi um amadurecimento profissional nessa questão... De poder chegar pro Zico, por exemplo, o maior ídolo do Flamengo de todos os tempos, e conversar com ele, bater um papo, fazer uma entrevista tranquila e não achar que aquilo ali é uma coisa de outro mundo. Foi um amadurecimento profissional, porque hoje eu entrevisto qualquer pessoa, na tranquilidade. Isso foi o que eu conquistei na Copa do Mundo. Foi observar que não existem fantasmas. Eu entrevisto qualquer pessoa do mesmo jeito.

Jéssica Welma – Victor, voltando ao seu estilo, que você havia comentado um pouco antes, você começou a receber críticas. Como você lidava com essa situação dos dois lados, de elogios e de críticas ao estilo que você adotou?

Victor – Eu sempre fui criticado. (*Corrige-se*) Mas não é que eu sempre fui criticado, comecei a ser quando passei a seguir as orientações da Rede Globo, na hora em que eu passei a mudar o meu estilo de trabalho. Porque, no início, o meu estilo não tinha nada demais. De uma hora para a outra, eles (*a Rede Globo*) queriam que eu levasse os caras para gritar gol, ser um apresentador de um programa que seria apresentado na rua com o público. Seria transformar o repórter em um show man, e eu não era aquilo. Como é que eu vou dizer não para a Rede Globo se

ela estava abrindo a porta para mim? É tipo o cara que nasceu para jogar de zagueiro (*e dizem*): "Oh, na seleção brasileira você vai jogar de centroavante". Ele diz: "Vou não". Na seleção brasileira, eu jogo em qualquer posição, meu amigo! (*Risos*)

Vandecy – Você lembra a partir de que momento começaram a surgir essas críticas?

Victor – Rapaz, é o seguinte: o momento exato foi quando eu comecei a aparecer demais. É o tipo da coisa... Eu critico muito a Ivete Sangalo, apesar de ser fã dela, mas eu não aguento abrir a televisão e tá a Ivete Sangalo na novela. Abrir a televisão e tá a Ivete Sangalo cantando em Salvador (*Bahia*). Abrir a televisão e tá a Ivete Sangalo cantando no Rock in Rio. Então, sabe, esse exagero? O que aconteceu comigo foi isso. Eu comecei a aparecer demais. E a Globo me abriu espaço na GloboNews (canal de notícias a cabo), no Sportv. E, outra coisa, esse estilo que eu fazia era um estilo que não agradava a todo mundo.

Alan Barros – Como você descreveria esse estilo?

Victor Hannover – É um estilo completamente diferente do que eu faço hoje, principalmente porque não era um estilo meu. É uma coisa que eles me pediam para fazer e eu fazia. Tanto que hoje se você observar minhas reportagens da TV Diário (*TV regional pertencente ao Sistema Verdes Mares de Comunicação, o mesmo ao qual pertence a TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo*) são todas matérias sérias.

Ingrid – Você gostava daquele estilo?

Victor – Não é que eu não gostava, eu não podia ser contra. Eu não ia brigar com os caras. Eles queriam que eu fizesse, entre outras... Não era palhaçada... Vamos dizer, uma brincadeira que eu fui aprendendo a fazer, porque até via as pessoas fazendo. Foi o que aconteceu. Mas não era minha coisa

"Passei a seguir as orientações da Globo (...) a mudar o meu estilo de trabalho. Queriam (...) transformar o repórter em um show man, e eu não era aquilo."

A produção encontrou Victor no Shopping Benfica. No trajeto até a UFC, Victor nos contou que se maquiou antes de vir. Disse que, com a idade, tem de esconder as rugas. Dissemos que também temos rugas, mas ele não concorda.

No começo da entrevista, Victor pediu desculpas por ter faltado à primeira data que marcamos. Contou que foi por motivos de saúde, por estar fazendo tratamento contra a dependência química.

Durante a entrevista, uma aluna da UFC abriu a porta da sala, rindo e falando. Um momento tenso em que fomos atrapalhados. A culpa foi da produção que não trancou a porta!

preferida, né?

Jéssica Colaço – Não o incomodava o fato de você ter recebido tantas críticas por adotar um estilo que não era seu?

Victor – Na época, não me incomodava porque eu estava muito focado no trabalho. Agora, eu nunca engoli bem certas críticas que eu achava injustas. Por exemplo, criavam frases, depois que eu passei a fazer esse tipo de matéria, que colocavam como se eu tivesse dito, sem que eu tivesse, publicavam com maldade. Quiseram me transformar como se eu fosse um idiota qualquer, falando bobagem toda hora, e eu não era aquilo.

Eu cheguei no Mercado São Sebastião (*mercado popular de Fortaleza*) com a pauta que a Rede Globo me mandou para procurar ali entre frutas e verduras os gols do Clodoaldo, que ele não estava fazendo gol no Campeonato Brasileiro. Então, chegar para os feirantes e dizer: “Meu amigo, onde é que tão os gols do Clodoaldo?” E sair procurando no meio de um bocado de laranja, fruta e verdura, onde estava o gol do Clodoaldo (*irônico*). E, porra, eu levei porrada pra caramba nessa época! Porque tem gente que entende isso (*o estilo*) como uma coisa legal, uma coisa fora do comum. Eu não. Nem eu gostei dessa pauta! Esse negócio de procurar gol no mercado... (*irônico*) (*Risos*). Eles mandavam e eu fazia.

Vandecy – Victor, você escutava essas críticas das pessoas nas ruas, no cotidiano, mas os seus colegas de trabalho também o criticavam?

Victor – Os meus colegas de trabalho foram responsáveis por momentos de muita emoção para mim na (TV) Verdes Mares. Nesse dia, que eu falei que a gente encerrou o Globo Esporte nacional, a primeira vez, a redação estava cheia. Era na hora do almoço e eles todos ficaram de pé e me aplaudiram. Eu fiquei muito emocionado! Mas eu quero deixar bem claro: se não fosse uma questão de estilo da Globo, eu não teria utilizado aquele estilo em nenhum momento. Tanto que, quando eu voltei agora para a TV Diário,

“Por que o sindicato não se reuniu para (se) fortalecer e encarar os patrões para que eles paguem um salário justo?”

Victor tem um blog onde posta poesias, fotos de amigos, amigas (*especialmente dos pés delas*), conta momentos da recuperação e também do trabalho (www.victorhannover1.blogspot.com).

a primeira coisa que o diretor de jornalismo me falou, o Roberto Moreira (*foi*): “Olha, vamos esquecer completamente o que aconteceu na Rede Globo. Você vai ser o repórter que sempre foi antes de ir para lá. Porque aquilo ali era uma coisa da produção deles, era o objetivo deles e já foi alcançado. Hoje, a TV Diário quer que você seja repórter como outro qualquer. Sem aquele exagero, como a Globo queria.” E a Globo queria era festa, a Globo queria festa todo dia e eu fui a bola da vez.

Jéssica Colaço – Victor, em que momento a exibição exagerada, como você falou, começou a lhe trazer críticas pelo fato de você não ter o diploma de jornalismo?

Victor – Eu não posso, em nenhum momento, culpar o Sindicato dos Jornalistas de ter me perseguido. Porque o Sindicato dos Jornalistas não perseguiu o Victor Hannover, perseguiu 200 pessoas que eram radialistas. Eles saíram perseguindo todo mundo. Agora, alguns fatos nesse contexto me chatearam e muito.

Eu acho que poderia ser resolvido com um diálogo. Nunca ninguém me chamou para um diálogo. Porque pô: “Todo mundo tem aqui o diploma, vamos fazer o seguinte, vamos reunir aqui, vamos facilitar. Aqui é o Sindicato dos Jornalistas. Vamos tentar fazer (*com*) que todos cheguem à faculdade. Vamos formar todo mundo”. (*Olha para o professor Ronaldo Salgado*) Eu não sei se o senhor participava de reuniões àquela época, mas, por exemplo, um fato que até hoje me revolta bastante foi criarem um bar dentro do Sindicato dos Jornalistas. Quando acabava o expediente, o Sindicato se transformava em um bar e o futuro de pessoas e de famílias era resolvido com garrafas de uísque em cima da mesa. Eu digo isso porque eu fui lá presencial, então isso me revoltava!

Eu acho que, se você quer perseguir alguém porque não tem o diploma, você vai para uma sala, você vai para polícia – como eles foram – você vai para justiça. Bebendo uísque, enchendo a cara de cachaça e resolvendo que (*vai*) no outro dia entrar na justiça para tirar o fulano de tal do ar... Eu não concordo com isso de maneira nenhuma.

Eu parei de beber agora, bebi desde os 16 anos, e eu acho que bebida não combina com trabalho, principalmente com o trabalho que trata de questão familiar. A TV Verdes Mares recebeu uma carta assinada pela Adísia Sá (*jornalista cearense*) – até hoje eu não entendo como é que a Adísia Sá assinou uma carta daquela. (*A Adísia*) pediu para a TV Verdes Mares me demitir sumariamente, a mim e ao Paulo César Norões, porque nós não tínhamos o diploma. Por que ela não

mandou uma carta dizendo: "Olha, eu queria que a direção da TV Verdes Mares, chamasse esses dois profissionais e dissesse: 'você têm de cursar essa faculdade?'" Nunca a TV (*Verdes Mares*) me chamou para me obrigar a fazer nada. E não seria uma obrigação, seria um papo. E o papo aconteceu depois, tanto que eu estou até hoje lutando. Eu não posso concordar com uma perseguição como essa sem que ninguém nunca tivesse ouvido minha voz. A imagem que o sindicato vendeu para a sociedade é que eu era um falso. Eu não fui falso. Eu apresentei, quando fui fazer o meu curso no Senac, que é um curso reconhecido por lei. Eu fiz o curso, apresentei os documentos, tenho registro de radialista, e, se alguma coisa estivesse errada eles (*o sindicato*) poderiam ter me chamado para explicar: "Olha, está errado isso e isso". Não, eu chegar para trabalhar e estar uma carta assinada por uma pessoa como a Adísia Sá – que é uma pessoa que eu respeito, principalmente pela história que ela tem no jornalismo – pedindo para demitir pessoas! (*surpresa*). Ela já é uma senhora e eu não quero olhar na cara dela, porque eu não tenho nada para falar com ela, não é por ódio nem mágoa. Mas eu jamais assinaria uma carta mandando uma empresa demitir alguém. O máximo que poderia fazer era assinar uma carta pedindo para a empresa solicitar ao fulano e ao beltrano para fazer um curso de jornalismo que a empresa estava solicitando. Isso a empresa (*TV Verdes Mares*) fez de uma forma informal, sem pressão. O que me revoltou na época foi isso.

O Moacir Maia (*jornalista*) passava na minha casa e me levava até para a praia. E, quando chegava no sindicato, assinava um papel concordando que eu tinha de ser processado. Hoje, eu não sei como é que ele olha para a minha cara. Ele para mim é um babaca! Mas também não tenho ódio nem raiva. Eu tenho o blog, (*e*) no dia que eu fiz uma crítica a uma pessoa que eu senti que foi uma crítica pesada, no outro dia eu amanchei mal. Eu tirei aquilo dali do meu blog e pedi a Deus que me desse a graça de eu nunca usar o meu blog para bater em ninguém. Agora, eu fui apunhalado por pessoas como o Moacir Maia, por exemplo. E eu digo o nome dele aqui porque eu já disse isso a ele. Por que ele não chegou para mim e disse: "Olha, nós vamos te processar"?

Ele passava na minha casa, me pegava e a gente ia tomar cerveja na praia. E de noite, nas reuniões, ele assinava um documento mandando me processar. Estou dizendo isso para vocês porque isso é uma coisa importante não só para a vida profissional, é uma coisa importante de relações humanas.



Como eu já fui traído de todas as formas: por amigo, por mulher, por tudo, eu hoje respeito todas as pessoas. Mas eu procuro ter um pé atrás até que as coisas se encaixem. Antigamente, para todas as pessoas que eu olhava... Todas eram maravilhosas. Hoje, não. Depois de tudo que eu passei na minha vida hoje eu... Acho que vou mudar meu discurso, acho que eu amo todas as pessoas! (*Risos*) (*A denúncia a que Victor se refere ocorreu no ano de 2001, de acordo com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará (Sindjorce). Na época, o sindicato processou pessoas que atuavam na imprensa cearense, por exercício ilegal da profissão de jornalista*)

Jéssica Welma – A denúncia de falsidade ideológica que o Sindicato dos Jornalistas fez teve influência sobre o seu trabalho?

Victor – Teve influência porque mexe com o psicológico de cada um. Você sabe por quê? Porque eu não me sentia falso. Eu me sentia injustiçado. Você está vivendo um problema grave e chega para trabalhar e os seus colegas de trabalho (*dizem*): "Olha, você vai ter de depor depois de amanhã". E depor? Quem foi que eu matei? Qual foi o crime que eu cometi? Me trouxeram para rádio, me mandaram fazer um curso de seis meses, fiz o curso no Senac, fui no Sindicato dos Radialistas e consegui o meu registro. Por que eu passei a ser um marginal, (*tendo*) apresentado meu nome na polícia pelo seu Paulo Mamede, que era o presidente do Sindicato (*dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará*)? Se eu, desde menino, narrava jogo de futebol, com seis anos de idade? Por que isso tinha de acontecer? Então, eu não entendia por que eu estava sendo perseguido daquele jeito.

Uma questão que eu quero deixar bem clara: acho que foi ali, naquele momento – faz mais ou menos uns 10 anos – que o Sindicato dos Jornalistas começou a enfraquecer, porque quis perseguir pessoas, gastou dinheiro, advogados, criou várias inimizades. Enquanto isso, os patrões foram tomando conta, os salários foram baixando, e no lugar do Sindicato dos Jornalistas defender os jornalistas e o Sindicato dos Radialistas

Perto do final do nosso encontro, o entrevistado pediu ao fotógrafo (Pedro Cândido) para tirar fotos através do tablet de Victor. Ele fez questão de colocar blog dele.

No fim da entrevista, Victor entregou a todos um cartão com o endereço do blog dele e um telefone de contato. Pediu para darmos essa força a ele na divulgação do endereço e disse que podíamos entregar o cartão a quem quiséssemos.

Quando as produtoras Gabriela e Ingrid se despediram de Victor ao final do encontro, ele pediu que nós o adicionássemos como amigo no *Facebook*. Disse que fazia questão de ter o contato com toda a turma.

defender os radialistas para que a situação social deles melhorasse... Para plano de saúde, para um salário melhor e tudo, eles foram brigar entre si e com os colegas. Não, os caras (*o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará*) passaram a perseguir pais de família e eu não vou concordar com isso nunca, nem que meu nome não estivesse incluído lá!

Moral da história: na minha época, quando eu passei 40 dias na Copa da França, eu recebi 40 diárias extras. Hoje, o Caio César (jornalista), da TV Diário, foi para a Copa da África, passou 30 dias (e) recebeu uma diária. Plano de saúde o sindicato não oferece a ninguém. Se não for a empresa, o cara tem de pagar do próprio bolso. Por que o sindicato não se reuniu para (se) fortalecer e encarar os patrões para que eles paguem um salário justo? Porque eu acho que o que o jornalista ganha é completamente injusto, pela questão intelectual. Geralmente, quem procura fazer Comunicação Social é um pessoal que tem um perfil diferente das pessoas de outros meios, de outras áreas, a forma de encarar a vida já é outra. Hoje, os patrões deitam

a que Victor se refere é a nº 6.615/1978. De acordo com Aderson Maia, presidente do Sindicato dos Radialistas e Publicitários do Ceará, o texto da lei não menciona a função de repórter. Mas, segundo ele, o Decreto 84.134/1979, que regulamenta a Lei dos Radialistas e discrimina sete funções para o locutor, fala de uma função semelhante à de repórter: o locutor entrevistador, que seria quem "expõe e narra fatos e realiza entrevistas pertinentes aos fatos narrados, que não é outra coisa senão a reportagem", disse Aderson. "Como a Lei 6.615 não contempla o jornalista, quem deveria exercer a função de escrever para rádio e TV seria o produtor executivo, antigo redator, cargo que exige formação em comunicação social com habilitação em radialismo", conclui)

Ingrid – Victor, todos esses problemas pelos quais você passou, como a denúncia do Sindicato dos Jornalistas e as críticas ao seu estilo, afetaram a sua vida pessoal?

Victor – Afetaram a minha vida pessoal porque... O seguinte: eu faço análise desde 15 anos de idade com psicólogo e isso foi no início da minha carreira. Imagina você come-

“Criavam frases (...) colocavam como se eu tivesse dito. Quiseram me transformar (...) em um idiota qualquer.”

e rolam. Vocês que estão aqui estudando, vão chegar à TV Diário para ganhar 1.200 reais por mês, cara!

Aline – Victor, na época em que o diploma era exigido, você atuava como jornalista. Você tinha o curso de radialista, mas, como hoje, você era repórter. Diante disso, você não entendia por que estava sendo perseguido?

Victor – Eu não compreendia, porque eu era repórter e a lei dos radialistas permitia que eu exercesse essa função de radialista. Pelo que a lei dizia, eu não podia ser editor, não podia trabalhar editando o que o jornalista escrevia, mas não existia nenhuma restrição, na Lei dos Radialistas, de o cara ser repórter de televisão, entendeu?

Eu acho que o que deveria acontecer era o seguinte: esse curso de radialista se acabar e tudo ser feito através da Universidade. Não adianta formar radialista, só, para o cara ser chamado de falso profissional. Quando eu digo que tinha de acabar é porque eu fiz esse curso e, na época, parecia que eu não tinha feito nada porque eu fui denunciado na polícia, na justiça. (*A Lei dos Radialistas*

quando sua vida, arranhou o primeiro emprego (e) começa a viajar, começa a fazer tudo, achando que está tudo bem. De uma hora para outra, chega um cara para dizer: "Amanhã, vão botar em 50 outdoors da cidade a tua cara lá com tipo aquela placa de 'Pare' com o nome 'falso profissional' e distribuir na cidade inteira". Eu digo: "E, vem cá, qual foi o crime que eu cometi, matei alguém? Por que eu mereço isso?".

Hoje, aos 40 anos, estou muito pouco preocupado se vão me chamar disso ou daquilo. Mas eu não tinha 40 anos, cara! Eu era da idade de vocês que estão começando a vida. Aquilo ali simplesmente mexeu com a minha cabeça de tal forma que eu queria deixar tudo. Eu cheguei para o meu pai e disse: "Olha, rapaz, eu arranhei uma profissão, fiz o curso que pediram para eu fazer quando cheguei à Rádio Verdes Mares. Hoje, eu sou um marginal?" Eu não fui depor na polícia, nem na justiça, porque a TV Verdes Mares arranhou um advogado e eles fizeram o trabalho. E o resto eu não sei o que aconteceu.

Do mesmo jeito que meus companheiros de trabalho me aplaudiram quando, pela

No dia seguinte à entrevista, Victor postou um texto com uma foto da turma tirada durante a entrevista no blog dele. O título era "Momentos Felizes". Ficamos igualmente felizes com o reconhecimento.

primeira vez, um cearense encerrou uma matéria na Globo, da mesma forma, quando eu chegava para trabalhar nessa época de perseguição, eu era tratado como falso profissional dentro da redação. Quem é que aguenta isso? Principalmente eu que sou um cara muito sensível, eu não gosto de fazer mal a ninguém. Então, mexeu comigo sim, tanto que, às vezes, eu falo nesse assunto e me exalto um pouco, porque eu me acho injustiçado e, veja bem, não com a atitude que foi feita apenas comigo, mas com uma atitude coletiva de perseguição inútil que não levou a nada, prejudicando pais de família e famílias também. Mas é uma questão para mim superada. Sabe por quê? Porque o diploma caiu. Mas para mim o diploma não caiu, porque eu estou estudando para poder fazer Comunicação. Vocês não acham que eu falo demais, não? (risos)

Yohanna – Victor, depois de toda essa perseguição, você acabou sendo demitido. O que aconteceu na época?

Victor – Demitido? Não, eu fui demitido da TV Verdes Mares, mas minha demissão

em horário nenhum. No dia seguinte – é a história mais hilária da minha vida –, eu cheguei na TV para trabalhar e estava a maior festa, balões, salgadinhos, bolo. Eu entrei, cantaram parabéns pra você... Essa história é famosíssima lá na televisão. Assim que a festinha que eles fizeram para o meu aniversário terminou, o Gomide me chamou. Eu pensei que ele ia me dar os parabéns, né? Se fosse (na frente de) todo mundo tinha me dado os parabéns (risos). Ele me chamou, olhou na minha cara e disse: “Você está demitido. Pode ir ao departamento pessoal.” Eu só fiz olhar para ele e disse: “Muito obrigado pelo presente de aniversário.” Eu disse aos meus colegas: “Acabei de ser demitido. Foi o presente que o Marcos Gomide tinha empacotado e me entregou nesse momento. Estou indo no Departamento Pessoal agora assinar minha demissão, depois de 20 anos aqui. Agradeço a festa que vocês fizeram”. Sai da sala, todos eles me acompanharam e deixaram o Gomide lá sozinho. No outro dia, foram pra um churrasco na casa dele.

Para finalizar essa história do Gomide... A



não teve nenhum tipo de ligação com isso (*Os problemas com o sindicato dos jornalistas*). A minha demissão foi o seguinte é... Como eu falei para vocês, a TV Globo demitiu o Roberto Prado, que era o diretor da TV Verdes Mares, e mandou para cá o Marcos Gomide, que é o diretor atual da TV Verdes Mares. O Marcos Gomide veio com a função de fazer uma modificação, uma renovação na TV. Toda semana, ele botava duas pessoas para fora. A gente já vivia com a choroadeira no corredor. E eu estou nas 20 pessoas ou mais que ele demitiu. Por que eu não fui demitido naquele momento? Porque eu estava na Globo, na Globo News, no Sportv, toda hora. Como é que esse cara ia ligar: “Ó, nós vamos botar o Victor para fora”. Nem narrador de futebol eles tinham para botar. Um dia antes dele me demitir, ele se lembrou de que tinha um jogo de noite e disse: “Não, Victor, essa reunião que eu quero ter contigo deixa pra gente ter amanhã”. Se ele me bota para fora naquele momento, quem ia narrar o jogo à noite? Não tinha narrador

vida tem umas coisas que eu acho impressionante. Hoje eu não sou inimigo do Marcos Gomide nem amigo. Eu não tenho nada para conversar com ele. O que foi que aconteceu como o Marcos Gomide? Toda semana tinha uma pessoa, duas, três sofrendo. Eu via essas pessoas chorando e comigo não foi só uma demissão, foi uma humilhação. Eu faço questão de citar isso para mostrar que as coisas de Deus são impressionantes. (*Naquele dia*) meu pai me encontrou no corredor e, muito revoltado, foi falar com o Gomide e disse: “Eu nunca mais na minha vida quero olhar na sua cara. E não é porque você demitiu meu filho. Depois de uma festa de aniversário, você simplesmente chamar e botar para fora, você não está demitindo, você está humilhando.” E é bom lembrar (*que*) meu pai, durante esses 20 anos, nunca se meteu na minha vida, nem pediu para eu ser nada, mas nisso ele achou que eu fui humilhado. E foi uma discussão forte, eles ficaram inimigos, eu posso dizer assim, apesar de não gostar dessa palavra.

Um dia após à entrevista, vimos também que Victor havia dedicado um texto no blog dele a uma das entrevistadoras: Jéssica Colaço. A atenção de Colaço, que nem “descansava a vista”, surpreendeu Victor.

Victor Hannover é apaixonado por Fagner e Pink Floyd. Na pré-entrevista, ficou mais do que claro quando o telefone dele tocou e a música era um clássico do cantor cearense.

A equipe de produção faz um agradecimento especial a Tom Barros, que teve fundamental importância na realização da entrevista com Victor. Tom acredita que a Entrevista abriu espaço para um debate que estava preso há 20 anos.

Quando o Marcos Gomide teve o Acidente Vascular Cerebral (AVC)... O do Gomide foi tipo um AVC, só que aconteceu prejudicando as pernas. Ele passou a andar na cadeira de rodas. Quando foi um dia, o Gomide ia entrando na televisão (*TV Verdes Mares*) com o filho dele empurrando a cadeira de rodas e se depara com meu pai. Meu pai disse: "Como é que está, Gomide, tudo bem? Quero que você saiba que eu quero que você volte a andar perfeitamente. Eu conheço o Dr. José Roberto, médico do Comitê Olímpico Internacional. Está aqui o telefone dele, entregue pro seu filho, faça o que quiser. A minha maior alegria vai ser o dia que você sair dessa cadeira de rodas e voltar a andar normalmente. Não quero ser seu amigo, mas não me sinto bem lhe vendo numa cadeira de rodas, mesmo com tudo que aconteceu".

O tempo passou, o Gomide saiu da cadeira de rodas – hoje está andando de muleta – se encontrou com meu pai e disse: "Olha, a gente faz as coisas na vida sem pensar e acho que uma grande bobagem que eu fiz foi aquela história envolvendo o seu filho. Mas são os erros que a gente comete na vida. Eu quero dizer para você, Tom Barros, que a maior alegria que tive na minha vida foi quando você falou comigo naquele dia, porque me incomodava o fato de você não falar".

Fiz questão de contar essa história para dizer que eu e a nossa família... A gente não tem rancor nem mágoa de ninguém. Eu citei algumas pessoas... Pode dar direito de resposta, não tenho ódio de nenhuma delas e de ninguém, apenas citei porque elas fazem parte da minha história.

Jéssica Welma – Atualmente, você faz tratamento contra a dependência química e eu gostaria de saber se todo o seu proces-

"A droga é uma coisa deprimente. Não há propaganda em televisão, em rádio, não há nada disso que mostre 100% do que é a realidade de quem é dependente químico."

O envolvimento da produção com a história de Victor Hannover foi tão grande que Juscelino já o chamava carinhosamente de "Vivi" nos bastidores. O entrevistado, porém, nunca soube do apelido.

so profissional, entre turbulências, potencializou ou desencadeou o seu envolvimento com álcool e drogas.

Victor – Em primeiro lugar, quero dizer o seguinte: o meu envolvimento, primeiro com o álcool, e os problemas que eu tive, em nenhum momento, posso relacioná-los com perseguição do Sindicato (*dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará*) ou posso culpar ninguém. Eu comecei a beber, a andar em festas, muito novo, não sei (*com*) quantos anos. A gente falou do Gomide, por exemplo, que me demitiu, (*mas*) eu teria sido demitido da mesma forma pela renovação que estava acontecendo. Agora, o meu envolvimento com álcool (*também*) fez com que isso acontecesse. Aí eu vou condenar o cara porque, por exemplo, eu chegava para trabalhar com um bafo de cachaça insuportável? Às vezes até chegava (*das festas*) cinco horas da manhã pra entrar no trabalho sete horas.

Então... Começou com a bebida. A bebida me prejudicou bastante, prejudicou tudo que você possa imaginar. Essa questão de droga e de bebida foi uma coisa que prejudicou minha carreira, não só na TV Verdes Mares, mas prejudicou minha carreira, minha vida, minha família e até hoje eu sofro, né? É um sofrimento que só sabe quem passa, porque você se transforma em um dependente. Há muito preconceito e é uma coisa que faz tão mal...

O cara fala da marcha da maconha... Eu sou contra a marcha da maconha, porque é uma coisa que só me fez mal, como é que eu posso ser a favor de milhares de pessoas pedindo para liberar aquilo ali, entendeu? Quem quiser fumar maconha vai lá e fuma, não precisa estar querendo mostrar para a sociedade inteira que aquilo ali é uma droga, porque está comprovado que é uma droga... "Não, é só um 'baseadozim'" (*dizem*). É não, porque, hoje em dia, vem misturado com a borra da cocaína. Eles prensam lá no Paraguai e mandam pra cá. Isso eu sei porque eu faço um tratamento e os médicos me explicam e porque já fumei desse negócio.

Aline – Victor, quando você começou a usar drogas?

Victor – Eu comecei a usar... Eu tenho 40 anos. Está com uns 10 anos.

Juscelino – Mas o que é que motivou?

Victor – Rapaz, eu sempre andei em farra, sempre bebi, um dia apareceu. Eu passei a usar cocaína numa festa. Fui num bar, aí usei uma vez. Em dois meses, a cocaína me levou para o internamento (*internação*), sem que eu nunca tivesse usado. Por quê? Porque eu bebia muito. Quando eu conheci a cocaína... Você dá duas cheiradas quando está embria-

gado, acorda... Tome mais bebida em cima, porque você suporta. Daqui a pouco, eu estava três, quatro dias só bebendo. Não ia trabalhar, mandava dizer que estava doente. Me trancava dentro de casa. Minha família, meu pai, pô! Quase enlouquece! E o que ainda me salvou foi o apoio do Sistema Verdes Mares em entender que isso é uma doença.

Eu já bebia muito além do que era para beber, porres mesmo violentíssimos! Por isso que eu falei da questão de lamentar que o sindicato resolvesse problemas naquelas festas que eles faziam, porque eu acho que a bebida é uma droga também, uma coisa que prejudica a mente. E a droga só fez me jogar para baixo, eu só estou aqui hoje por causa de Deus em primeiro lugar, que me salvou. Eu acredito em Deus, não frequento igreja nenhuma e leio muito Alan Kardec (*considerado criador da doutrina espírita*), espiritismo... Igreja Católica, já estive no Vaticano e tal. Eu acredito num ser supremo que quis que eu estivesse aqui.

Gabriela – Quando foi que você viu que tinha de procurar tratamento?

Victor – Na primeira vez, eu fui porque eu pedi pelo amor de Deus para o meu pai me levar, porque foi uma coisa rápida e eu não conseguia mais nem raciocinar. Eu consegui me livrar, fiz o tratamento. Passei um bom tempo sem usar. Quando foi agora, em outubro (*de 2011*), eu quis descontar os cinco, seis anos que não usava.

Sim, eu tenho de citar aqui o Roberto Moreira (*diretor de Jornalismo da TV Diário*). Geralmente, quando a gente fala do chefe, acham que a gente está puxando o saco. Eu não preciso disso, até porque eu sou profissional. O Roberto Moreira foi um cara que realmente me tirou do lixo. Porque eu saí da TV Verdes Mares, recebi minha indenização e recebi um dinheiro que dava para eu ter resolvido minha vida, pelo menos para eu montar uma produtora para viver do meu trabalho. Eu gastei o dinheiro todinho com pó! Só tomava vinho, comia lagosta e cheirava pó. Um dia, eu cheguei na Caixa Econômica para pegar mais grana pra fazer farrá, (*mas*) o dinheiro tinha acabado. Um ano de férias, entendeu? Para você ver o que a droga representa na vida de uma pessoa. As pessoas que saíram, na mesma época que eu, receberam o mesmo dinheiro (*e*) hoje são empresárias, continuam trabalhando na televisão, e eu continuo duro do mesmo jeito que comecei. Professor (*Ronaldo Salgado*), quando for na hora de eu parar de falar o senhor pode dizer. (*risos*)

O Roberto foi me procurar na praia, eram duas horas da manhã, tinha bebido todas. Estava voltando para a casa da minha mãe,

porque eu não tinha dinheiro mais nem para comer, porque eu acabei tudo. Eu estava na praia pensando na vida: “Rapaz, eu vou fazer o que agora?”. Meu pai não queria conversa comigo, achava que eu tinha jogado tudo fora. Eu era de uma empresa vinculada a ele, e ele bloqueou todos os meus cartões de crédito e de débito, bloqueou todas as minhas contas. Se ele não tivesse feito isso eu tinha morrido de overdose! Quando eu parei de ter dinheiro no bolso, não fiz como outras pessoas, que são dependentes, e foram comprar fiado. Eu não. Eu digo: “Bom, se eu não tenho dinheiro, eu não vou. Eu posso ficar me tremendo todinho aqui, mas como é que eu vou chegar: ‘Ei, me dá 50 reais aí de pó e do quer que seja’, se eu não tenho dinheiro para pagar”? Então, eu fui para a Beira-Mar, quando para o carro do Roberto Moreira, ele desceu e disse: “Olha, rapaz, não tem nada perdido. Você passou esse ano todinho se drogando... A cidade toda sabe, você vai terminar morrendo de overdose. Eu tenho um emprego pra lhe dar. Eu vou lhe tirar dessa situação. Nós nos reunimos na televisão (*TV Diário*). O seu pai não está nem sabendo disso, ainda vou comunicar a ele. A nossa diretoria resolveu que vai lhe salvar dessa situação. Vamos lhe dar um emprego. Agora, você faça as pazes com o seu pai, com sua mãe”.

Porque foi o seguinte: eu simplesmente esqueci que eu tinha família, filho, pai, mãe, sabe? Eu chegava na favela duas horas da madrugada, sem camisa, parava o meu carro, abria as portas e ia perguntando: “Ei, onde é que está o cara que está vendendo?” A droga é uma coisa deprimente! Não há propaganda em televisão, em rádio, não há nada disso que mostre 100% do que é a realidade de quem é dependente químico. A droga faz a pessoa fazer coisas ridículas, faz a pessoa simplesmente se transformar e dizer coisas completamente sem nexos. Eu fui um escravo da droga e não estou completamente livre. A primeira providência que eu fiz foi deixar de

“Como é que fica uma pessoa dessa profissionalmente? Quem era que ia acreditar em mim, se eu vivia drogado e embriagado?”

Na postagem do blog, a que nos referimos na entrevista, Victor critica o pai dele por ter se negado a pagar 15 dias de salário. Também acusa Roberto Moreira de tê-lo chamado de “Zé preguiça” durante uma reunião na TV Diário.

Na edição do texto, as produtoras Gabriela e Ingrid imitavam a voz dos colegas de turma quando liam as perguntas transcritas, especialmente as de Jéssica Colaço e Jéssica Welma. A primeira bem enfática e a segunda suave no falar: “Viiiictor”.

Assim que acabou a entrevista fomos, curiosos, ver de perto as tatuagens de Victor e perguntar sobre o significado delas.



beber, porque eu comecei a notar que, toda vida que eu bebia, eu mandava ver e ia logo atrás de onde vendesse. Então, como é que fica uma pessoa dessa profissionalmente? Quem era que ia acreditar em mim, se eu vivia drogado e embriagado?

Alan – Victor, o Tom Barros falou na pré-entrevista que seu irmão Marcel também teve um papel fundamental no seu processo de recuperação. Como foi essa participação?

Victor – O Marcel... É o seguinte: como eu estava sem falar com meu pai, ele (*Marcel*) ia na minha casa fazer visitas periódicas. Quando o meu pai ia, eu mandava ir embora, não abria nem a porta. Eu recebia o Marcel. Ele via ponta de cigarro pra todo lado... Uma casa de um louco! Um dia ele chegou para o meu pai e disse: "Rapaz, o meu irmão vai morrer". A participação do Marcel nisso foi mostrar pra família. Porque eu estava escondido, eu só saía para comprar droga e vinho. O meu irmão viu que a situação era muito pior do que as pessoas podiam imaginar. Eu estava me acabando.

Por que eu digo que existem coisas divinas? Já em um período um pouquinho depois, meu pai estava em um casamento e se encontrou com uma pessoa, que pediu para eu não falar o nome, e ela disse: "Rapaz, que bom te ver. Como é que está o Victor? Nunca mais vi o Victor na televisão". "O Victor está em uma situação muito difícil. Ele não recebe ninguém, está trancado dentro de casa, só usando droga e bebendo, sem alimentação. Ele não vai durar muito tempo. A nossa família já se reuniu inclusive com uma psicóloga e pelo que meu filho Marcel viu, a gente está só esperando uma notícia". Essa pessoa disse: "Nós vamos resolver o problema". Mandou um psicólogo lá na minha casa.

Quando foi um dia, tocou a campainha. Quando eu abri a porta, estava o síndico com a psicóloga. Eu atendia o síndico do prédio, não sei por quê. "Essa daqui é a psicóloga fulana de tal" (*o síndico disse*). "Olha, pois eu queria que a senhora fosse embora da

minha casa". Ela disse: "Mas é assim que você recebe as pessoas na sua casa?" Eu digo: "Exatamente. É assim que eu recebo as pessoas". Ela disse: "Eu vou embora, mas vou voltar". Na semana seguinte, ela voltou e falou que (*eu*) estava precisando fazer um tratamento muito sério. Ela foi embora e eu continuei do mesmo jeito. Passei de segunda a sábado usando cocaína direto, de dia e de noite, e bebendo muito. Não morri porque Deus não quis. Só me alimentava... Ou era vinho ou aquelas caixinhas de suco, que eu comprava (*pela*) questão do açúcar. Porque é muito difícil... Cheirando cocaína ninguém sente fome.

Eu já estava há uma semana nessa sequência: sem almoçar, sem jantar sem tomar café, nada! Quando foi no sábado à noite, eu descí para pegar algo no meu carro, senti uma tontura muito grande, porque eu não tinha muita força mais para andar, para pensar. Peguei uma coisa no meu carro, subi e esqueci a porta aberta (*do apartamento*). No sábado, tinha tido uma reunião da minha família, mas aí foi toda a minha família mesmo, com a psicóloga, e ela pediu para que toda a família fosse no domingo lá em casa para conseguir, ou no papo ou de alguma forma, me tirar de lá. Eu tinha de ir para uma clínica, não dava. Quando eu voltei no sábado à noite, que eu subi, esqueci de trancar a porta. Eles me encontraram lá e pensaram até que eu estava morto. Eu estava arriado em cima da cama com uma garrafa de vinho do lado, droga e tudo. A minha família toda veio ver esse quadro e constataram o seguinte: que foi uma questão física, o meu organismo já não suportava mais. Não é nem questão de overdose, entendeu? É porque eu não tinha mais força. Dali mesmo, eu fui direto para Nosso Lar (*Centro espírita que oferece tratamento médico*). Foi quando eu encontrei essas duas pessoas que eu queria que vocês citassem porque são, abaixo de Deus, os responsáveis pela minha recuperação. O psiquiatra é o doutor Anchieta Maciel. Ele disse

O gosto do entrevistado por pés femininos se desenha em uma das tatuagens. No antebraço está escrito: *Female Feet* ("Pés Femininos", em inglês).

para o meu pai: "Olha, o tratamento aqui, pelo que eu estou vendo, é uma questão de seis meses. Mas Tom Barros, eu cheguei agora de um congresso sobre drogas na Irlanda e eu vou utilizar um medicamento com ele (*Victor*) e em um mês nos vamos resolver esse problema". Em 35 dias, eu recebi alta. Uma semana depois, eu estava trabalhando. Então o cara é competente!

E a psicóloga é a Andrea Autran. Quando eu estava lá no Nosso Lar, eu tinha um encontro por semana com ela. Hoje, eu faço análise com ela toda semana no Nosso Lar. Tanto que antes de vir pra cá, eu até liguei para ela, porque eu ainda estou em uma situação de fragilidade. Tomo muito remédio e me emociono muitas vezes. Eu tomo calmante por causa do nervosismo. Desde quando eu cheguei no Nosso Lar até os dias de hoje, ela sempre fez questão de dizer que eu ia vencer. Eu noto uma fortaleza muito grande nas palavras dela! O que o psiquiatra fez com a questão do trabalho com o remédio, ela fez com a questão de trabalhar minha cabeça para mostrar que não tinha nada perdido. Eu quero deixar registrada aqui uma coisa muito interessante: é que no lugar do preconceito, eu recebi o apoio de todas as pessoas para que eu me livrasse disso. Eu consegui um emprego, sabe?

Eu quero aproveitar essa chance para mostrar o seguinte: que a droga, ela só leva para o precipício. Eu não conheço ninguém que se deu bem! Ninguém. Depois que eu deixei de beber, mesmo tomando remédio, eu todos os dias acordo sete horas da manhã e oito horas estou estudando. Quando eu bebia e não usava droga, eu acordava 10 horas da manhã com uma ressaca que não aguentava. Minha qualidade de vida hoje é outra.

Jessica Welma – Victor, em relação ao desentendimento com seu pai, você disse que ficou sem falar com ele. Você inclusive expôs o conflito no seu blog. Hoje, como está a relação com o seu pai?

Victor – É o seguinte, o maior arrependimento que eu tive na minha vida foi... Quando eu fui internado no Nosso Lar, me proibiram o celular, mas me deixaram levar o laptop. Eu não poderia ter levado, porque eu não estava com cabeça para escrever nada. Hoje, se houver uma situação em que eu tenha de me internar, não vou levar laptop nem nada que cause comunicação. Foi uma coisa (*a postagem sobre o Tom Barros*) que os blogs repetiram e, de uma hora pra outra, ganhou uma dimensão que eu não esperava, porque eu estava trancado dentro de uma clínica. Agora, o meu relacionamento hoje com meu pai é o seguinte: só para você ter uma ideia, ele me liga umas dez vezes

durante o dia, querendo saber como estou. Me acompanha em tudo, está do meu lado. A minha mãe, eu não sabia nem que existia. Ela chorava... Hoje eu estou morando com ela, fechei o meu apartamento. (*Mas*) Vou voltar para minha casa, porque eu não vou passar a vida inteira tomando remédio. Eu fiz as pazes com meu pai e ele tem sido um cara sensacional! (*O conflito a que a pergunta se refere se deu quando Victor Hannover estava internado na clínica Nosso Lar, sob efeito de medicamentos, e postou no blog dele um texto que critica Roberto Moreira e Tom Barros. Na postagem, Victor afirmou que foi humilhado por Roberto Moreira em uma reunião de trabalho, sendo chamado de consumidor de drogas e "zé preguiça". No texto, também afirma que Tom Barros negou-se a pagar 15 dias de salário do trabalho de Victor na TV Diário*)

Aline – Victor, como era a relação do seu filho com você naquela época? Ele sabia sobre as drogas?

Victor – No início, ele não sabia. (*Mas*) a psicóloga disse que ele tinha de saber, e ele sabe de tudo. Ele foi levado para algumas reuniões com a psicóloga e ela explicou para ele o problema. Ele encara às vezes com tristeza, às vezes com naturalidade.

Jéssica Colaço – Hoje, você é repórter da TV Diário e, como você disse anteriormente, está podendo adotar aquele estilo que adotava antes de ser descoberto pela Globo. Como é essa sensação de agora poder investir realmente nas reportagens que você começou a fazer primeiramente?

Victor – Foi uma coisa tão interessante, oito anos na Rede Globo com um estilo... E não é nem questão de voltar ao estilo antigo, é fazer reportagens lineares. Eu cheguei na TV Diário ainda com a influência da Globo. O Roberto Moreira, que é o diretor de jornalismo, passou a acompanhar todas as minhas matérias e a me ajudar a me readaptar a outra realidade. Hoje, eu chego no campo do Ceará (*refere-se ao time de futebol*) para fazer uma matéria esportiva ou em um estádio

"Hoje, (...) faço a matéria linear, contando o que eu estou vendo, sem precisar estar utilizando aquele estilo."

Victor tem fetiche por pés femininos. Por isso, a equipe de entrevistadores acordou que as mulheres iriam para a entrevista com sandálias fechadas, para evitar qualquer desatenção do entrevistado.

Foram precisos três dias de decupagem e dois dias inteiros de edição, regados a café, água no rosto e força de vontade, para deixar o texto final pronto. Isso na primeira semana de julho, que já deveria ser férias.

O Ronaldo disse que esse foi o semestre em que os alunos começaram a captar mais tarde as entrevistas. Para vocês terem uma ideia, a primeira entrevista foi realizada em 10 de maio e a última em 27 de junho. Dois meses de intenso trabalho.

de futebol *(e)* faço a matéria linear, contando o que eu estou vendo, sem precisar estar utilizando aquele estilo, sabe? Na época funcionou, mas hoje não dá mais. O jogador de futebol não tem de encerrar a carreira quando não dá mais? Como eu ainda sou muito jovem, então não é encerrar a carreira, mas mudar.

Ingrid – Para finalizar, Victor, a gente queria saber o que você espera do futuro, como profissional, na vida pessoal.

Victor – O que eu espero do futuro é o seguinte: eu quero continuar como repórter, porque na televisão eu já fiz tudo: fui produtor, editor. Hoje, sou repórter e estou muito feliz. Mas, hoje, o meu principal projeto é entrar na faculdade. E talvez exercer alguma outra profissão, não sei ainda qual, *(mas)* sem deixar de trabalhar com o jornalismo, porque está na veia, porque é um dom que já vem da minha família. Hoje, o meu foco está completamente voltado pra questão do estudo. Deus é tão bom para mim que faz com que eu continue fazendo o que eu mais gosto desde o início: que é ser repórter de rua. Porque ser apresentador é o seguinte: todo dia você tem de estar com aquele rosto maquiado, com a cara boa e *(para)* ser repórter não. Você faz ali uma passagem daquelas de dez segundinhos rapidamente. É melhor do que estar sentado na frente de um TP *(Teleprompter, equipamento que exibe o texto a ser lido pelo apresentador)* lendo notícia. Hoje estou me dedicando ao estudo. Eu trabalho porque eu necessito. Mas estou estudando mesmo, coisa que eu não fiz antigamente, 50% por conta de irresponsabilidade e 50% por compromissos de trabalho.

Eu não tinha como passar a vida viajando e trabalhando ao mesmo tempo, não dá. Têm gente que consegue conciliar, mas o meu trabalho não dava. E hoje, que eu não estou mais viajando, é o lugar onde eu me sinto melhor. Eu sou tratado na TV Diário, pelos meus companheiros, com um carinho que todo dia me impressiona. Mas o lugar hoje que eu me sinto melhor chama-se Centro de Ensino de Jovens e Adultos Neudson Braga. Não são aulas que a gente tem lá, a gente tem atendimento com professores que tiram dúvidas. Estou tão envolvido naquilo, é uma coisa que está me fazendo tão bem. O que eu estou fazendo no Neudson Braga é uma questão de presente e de futuro. Eu tenho de pensar nisso porque eu já tenho 40, né? O Romário foi artilheiro do *(campeonato)* brasileiro com 39 gols *(risos)*, eu posso ser artilheiro de alguma coisa ainda. *(risos)*

Ao final da entrevista, nos reunimos na sala do Ronaldo Salgado, que revelou ter ficado emocionado em muitos momentos da captação. Todos comentaram que Victor se mostrou corajoso ao revelar profundamente seu íntimo. Fechamos a revista com Victor-de-ouro!



Sobre ter assinado um documento no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce), concordando em processar o Victor Hannover, por motivos de falsidade ideológica.

Moacir Maia – Quando ocorreu o problema com o Victor Hannover, quem era presidente do Sindicato dos Jornalistas era o Paulo Mamede. A minha única intervenção nesse campo foi o dia que o Victor me ligou e queria falar comigo. Nós fomos ao Cais Bar – ele acompanhado da mulher dele na época – e falou do problema que ele estava enfrentando com o Sindicato. Como eu trabalhava na Verdes Mares e a questão era pontual com o Sistema Verdes Mares, a minha única ação foi articular um almoço entre o diretor de jornalismo da época, Roberto Prado, e o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Paulo Mamede. Depois, verificou-se que o que havia sido acordado entre eles acabou não dando resolução ao problema. Com relação ao Victor, quando a gente saiu para conversar, a única coisa que eu disse para ele foi que, se a questão era entre o Sindicato (*dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará*) e o Sistema Verdes Mares, ele não deveria se permitir terceirizar a defesa do nome dele. Porque ele (*Victor Hannover*) disse que tinha um tio, advogado, que ia entrar com uma ação contra o Sindicato, porque estava sendo acusado por difamação. Eu disse: “Olha, se você terceirizar para outros, isso seguramente pode lhe trazer prejuízos. Se eu fosse você, pediria ao diretor de jornalismo para tirar o seu nome lá de editor de esportes”. Encerramos a conversa por aí. Foi a minha única participação nesse episódio. Eu acho que houve uma confusão mental entre nomes, fatos e pessoas. Porque eu, na verdade, não tratei mais disso com ele de maneira nenhuma. Eu acho que por conta das pressões que ele sofreu, ele deve ter confundido. Porque eu fui presidente do Sindicato dos Jornalistas no período anterior a toda essa questão. Na minha gestão, eu tive dois casos em que nós atuamos por exercício ilegal da profissão, que foram resolvidos à época.

Um dia, o pai dele (*Tom Barros*) me pegou no corredor da estação lá da Verdes Mares, onde eu trabalhava e ele trabalha também e

disse: “Viu aí o que é que o seu Sindicato tá fazendo com meu filho?”. E eu disse: “Tom, se eu soubesse que o conselho que eu dei ao Victor, ele não iria entender, eu teria lhe dito, porque eu sei que como pai você fica preocupado com essa questão”. Isso é verdade, a gente saía junto, tenho por ele um carinho extremo. Faço defesa do nome dele, inclusive, para explicar que ele era o cara errado, na hora errada, e acabou pagando um pato que não era o dele. Agora, seguramente, eu posso te dizer: não tenho nada a ver com isso. Eu fui presidente do Sindicato? Sim. Agora, eu não tive nenhum envolvimento com essa questão.

Eu me declarei impedido de participar dessa questão pelos laços afetivos e de amizade que eu tinha com os dois envolvidos na questão, pois não era só o Victor Hannover, a questão centrou-se nele e no Paulo César Norões, que era chefe de redação e ele (*Victor Hannover*) editor de esportes. Eu simplesmente me declarei impedido de dar palpite, de dar opinião, de mexer minimamente com essa questão, em função dos laços afetivos de amizade e de companheirismo de trabalho. E da mesma forma junto ao Sindicato, disse: “Eu não tenho como me envolver nessa questão”. Pode invocar o testemunho do Paulo Mamede. Se você pedir as atas das reuniões do sindicato dos jornalistas, eu não tenho presença nenhuma nas reuniões que decidiram que ação o sindicato ia empreender em torno dessa questão. Eu o (*Victor Hannover*) considero meu amigo, colega que saíamos juntos, andávamos juntos. Com relação a ele me chamar de babaca, isso eu não vou responder, porque acho que isso é decorrência de um erro original. Ele não está identificando certo a pessoa, talvez ele queira direcionar para outra pessoa e, no caso, eu não visto a carapuça, porque não sou eu. Eu não tive envolvimento nenhum nessa questão.

// Direito de Resposta - Adísia Sá

Sobre o envio de uma carta à TV Verdes Mares, solicitando a demissão de Victor Hannover e Paulo César Norões.

Adísia Sá – Isso jamais aconteceu. Não sou mulher de mandar carta. Gostaria de ver essa carta. Dou-me bem com o pessoal da TV Verdes Mares. Se fosse fazer algo assim, iria pessoalmente. Desminto severamente esse fato! Estranho ele (*Victor Hannover*) di-

zer isso porque eu não tinha autoridade para escrever uma carta dessa natureza, nunca presidi o Sindicato (*dos Jornalistas*). Sempre fiz campanha contra o exercício irregular da profissão. Se fosse ter uma atitude assim, teria ido pessoalmente.

// Nota Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce)

Sobre as declarações de Victor Hannover de que o Sindicato perseguiu jornalistas sem o diploma e de que o SindBar era um local onde os jornalistas do sindicato tomavam decisões enquanto ingeriam bebida alcoólica.

Sobre as declarações de Victor Hannover à diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará - Sindjorce sugere que a produção da Revista Entrevista entre em contato com o jornalista Paulo Mamede, coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da Universidade Federal do Ceará (UFC), presidente da entidade no período ao qual o entrevistado se refere.

Entendemos que a diretoria, à época do acontecido, estivesse fazendo o que reza o item III do Artigo 2º do Estatuto do Sindjorce (São prerrogativas e deveres do Sindicato): "Zelar pelo cumprimento das leis que beneficiam a categoria profissional e pelos direitos adquiridos dos Jornalistas, promovendo a fiscalização da execução das mesmas e dela participando bem assim o controle do registro profissional e do seu aperfeiçoamento". Além disso, cremos que também deve ter guiado a diretoria em questão o Artigo 7º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o qual diz, em seu item VII que o jornalista não pode "permitir o exercício da profissão por pessoas não habilitadas".

Sobre este episódio, merece ainda o esclarecimento que foi para continuar mantendo pessoas não habilitadas nas redações que as emissoras de TV e rádio do Ceará, numa afronta a toda a categoria, passaram a contratar jornalistas diplomados como radialistas, pagando salários mais baixos e aviltando direitos celebrados nas convenções coletivas de trabalho (CCTs) dos jornalistas, como a diária de viagem. Para combater esta prática, comum em outros estados brasileiros, o Sindjorce entrou na Justiça e conseguiu ganhar ações contra as TVs Cidade e Verdes Mares (ambas em fase de cálculos). A TV Jangadeiro perdeu a ação e pagou as diferenças salariais de todos os jornalistas diplo-

mados contratados como radialistas.

Sobre a existência do SindBar, a diretoria sugere que a produção da revista entre em contato com o jornalista Moacir Maia, cuja gestão criou o referido espaço.

Vale ressaltar que, nos últimos dez anos, o SindBar foi transformado em Espaço Cultural, tendo sido palco, na atual gestão, do projeto CineJorce, cineclubes voltado às discussões relacionadas à comunicação, jornalismo, sindicalismo e temáticas sociais, sempre com a apresentação de um filme ou vídeo, seguida de debate com especialistas.

Foi neste espaço que, em 2011, o Sindjorce exibiu, em primeira mão, o documentário "Rosal da Liberdade", sobre a escravidão e a presença dos negros no território cearense, da jornalista Marilena Lima, culminando com uma ação de formação no Ano Internacional dos Afro-Descendentes. Também no Espaço Cultural SindBar, dentro do projeto CineJorce, foi exibido o documentário "30 anos depois, Lula relembra a 1ª CONCLAT", uma produção da CUT Nacional e da Tatu Filmes, com a participação da ViaTV, momento também seguido de debate.

Já este ano, o Sindjorce reabriu seu Ciclo de Debates, no SindBar, com o tema "Vivendo no Limite: quem são os nossos formadores de opinião", com a presença dos psicólogos Roberto Heloani e Arthur Lobato, além do advogado trabalhista Carlos Chagas, que falaram sobre saúde do jornalista, assédio moral e transtorno mental.

*Atenciosamente,
Samira de Castro
Presidente em exercício*

// Direito de Resposta - Paulo Mamede

Sobre o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce) ter apresentado o nome de Victor Hannover à Justiça à época em que Paulo Mamede era presidente do Sindicato e sobre ter sido nessa gestão que o Sindicato se enfraqueceu.

Paulo Mamede – Durante minha gestão no Sindjorce, o número de associados cresceu significativamente. As filiações eram feitas nas próprias redações. Fizemos campanhas salariais memoráveis envolvendo, inclusive, redatores. Recuperamos toda a história do jornalismo cearense e fomos firmes no combate ao exercício ilegal da profissão de jornalista, regulamentado por Lei. Até então, era comum encontrar no mercado local pessoas sem a habilitação necessária exercendo funções privativas de jornalista.

Mesmo fazendo parte de nossa carta-programa, não fizemos do combate ao exercício ilegal da profissão uma “caça às bruxas”. Tentamos negociar diversas vezes com as direções para, sem traumas, solucionarmos o problema. Nunca fomos ouvidos. O Sindicato só agia a partir de denúncias da base. Foram, à época, processadas mais de 30 pessoas que exerciam ilegalmente a profissão de jornalista, algumas inclusive trabalhando como editores. Algumas eram filhas de diretores de veículos de comunicação.

Como represália, o patronato obrigou todos os jornalistas de televisão a se filiarem

ao Sindicato dos Radialistas, numa ação mesquinha e quixotesca. A ação representou uma forte queda na receita do sindicato, uma vez que as empresas não mais repassavam as contribuições sindicais para o verdadeiro sindicato dos jornalistas. Uma vergonha.

Muitos dos processados voltaram aos estudos, concluíram o curso superior e se filiaram ao sindicato dos jornalistas. Outros seguiram caminhos diferentes. Da nossa parte, não existe nada de ódio, perseguição ou outra coisa. Quando fui presidente do meu Sindicato, procurei honrar o dever de representar a categoria e seus anseios, mesmo que para isso fosse necessário enfrentar a fúria do patronato e de alguns que pensam ser o jornalismo hereditário ou que seu aprendizado se dê por osmose. Culpar a ação do nosso Sindicato por problemas psicológicos ou de saúde é lastimável, mas perfeitamente compreensível.

Do fundo do coração, desejo paz e sucesso ao entrevistado, mas não mudaria uma única ação que realizamos no campo da moralização do exercício profissional.

// Direito de Resposta - Marcos Gomide

Sobre a demissão de Victor Hannover por Marcos Gomide, que Victor declara ter sido “humilhante”.

Procurado pela *Revista Entrevista*, Marcos Gomide não quis se manifestar sobre o assunto.